Ghislaine Lydon, *On Trans-Saharan Trails: Islamic Law, Trade Networks, and Cross-Cultural Exchange in Nineteenth Century Western Africa*

Francisco Freire

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/238>

DOI: 10.4000/etnografica.238

ISSN: 2182-2891

Editora

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 outubro 2010

Paginação: 617-630

ISSN: 0873-6561

Referência eletrónica

Francisco Freire, «Ghislaine Lydon, *On Trans-Saharan Trails: Islamic Law, Trade Networks, and Cross-Cultural Exchange in Nineteenth Century Western Africa*», *Etnográfica* [Online], vol. 14 (3) | 2010, posto online no dia 20 julho 2012, consultado o 11 fevereiro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/238> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.238>

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 fevereiro 2022.

Etnográfica is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

Ghislaine Lydon, *On Trans-Saharan Trails: Islamic Law, Trade Networks, and Cross-Cultural Exchange in Nineteenth Century Western Africa*

Francisco Freire

REFERÊNCIA

Ghislaine Lydon, *On Trans-Saharan Trails: Islamic Law, Trade Networks, and Cross-Cultural Exchange in Nineteenth Century Western Africa*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 498 páginas. 2009

- 1 *On Trans-Saharan Trails* afirma, no título, trabalhar o contexto oeste-africano, parecendo contudo centrar-se na sua extensão oeste-sariana. Esta precisão bastará para sublinhar o carácter do texto: a complexidade do território trans-sariano, aqui considerado na sua medida mais ampla.
- 2 Esta obra insere-se num percurso historiográfico há muito trilhado, que nos remete precisamente para o tema do comércio trans-sariano. Face a esta tradição, parece ter-se estabelecido uma outra, antropológica, que é temática e conceptualmente distinta daquela, pesem embora os espaços permeáveis frequentados por ambas as disciplinas. Neste caso, uma “escola francesa” – ou mesmo bontiana – focada nos processos memoriais e nos mecanismos “internos” (tribais) de reprodução social tem marcado muita da mais recente produção antropológica dedicada à região. A história tem emprestado aos antropólogos um suporte material para dados de terreno pouco solidificados, e que a tradição oral insiste em contextualizar num arco temporal por vezes distendido até ao período almorávida (como ligação aos primórdios islâmicos da região, mas também como quadro filiatório). A antropologia aplicada a esta região parece, em larga medida, assente num quadro temático quase sempre circunscrito à

“arabidade” e a tropos ainda herdados dos momentos colonial ou orientalista: Islão, tribo, parentesco, genealogia. Os trabalhos em história, por seu turno, parecem recorrer à antropologia de forma a suportar um contexto social (demasiado?) complexo, obviamente não circunscrito a uma linear progressão cronológica e, de facto, muito marcado pela oralidade.

- 3 A historiadora Ghislaine Lydon afronta directamente esta problemática, procurando uma interface válida entre materiais escritos e tradições orais (retomando outra questão clássica). Será precisamente este o mais importante contributo metodológico da obra, incorporando plenamente dados da tradição oral (mais de duzentas entrevistas) e arriscando defender a “centralidade da oralidade” neste trabalho (pp. 21-25). Muito embora seja este o argumento explicitado, este não será, de facto, o elemento central do texto. A “história oral” terá sido fundamental na reflexão que conduziu a autora ao longo de extensos períodos “no terreno”, e a sua presença no texto é evidente, mas, no entanto, os seus argumentos continuam a basear-se privilegiadamente em fontes escritas. O trabalho realizado sobre arquivos familiares, será, esse sim, o centro desta obra.
- 4 Ainda que as referências à literatura antropológica sejam quase nulas ao longo do texto, este trabalho poderá estabelecer-se como uma peça importante na negociação de novos espaços de reflexão entre história e antropologia. A “rede comercial do Oued Nun” constitui-se como o mais valioso exemplo desta abordagem, ultrapassando os limites da história económica na forma como conjuga os sentidos profundos do comércio trans-sariano com a cultura islâmica que impregna a região. Importa ainda assinalar a forma como a autora trabalhou “no terreno” sobre diversas escalas sarianas (Tishit e Guelmim, particularmente), aí realizando efectivamente “trabalho de antropólogo”: procurando nova documentação em espólios familiares, entrevistando intervenientes directos no comércio caravaneiro (antigos caravaneiros e seus familiares) e actuais herdeiros de autoridades políticas, ou islâmicas, locais.
- 5 Assim, Lydon debate fontes orais e materiais escritos relacionados com o comércio trans-sariano, assente em informações alcançadas nos *caravan hubs* de Chinguetti, Ouadane, Oualata, Tishit e Guelmim. A autora expõe algumas peças recolhidas nos acervos privados de famílias ainda residentes nestes *ksar-s* (relatos de viagem, processos de herança, contabilidade, diversos documentos exarados por *qadi-s* e *mufti-s*), centrando finalmente a discussão no século XIX, um período historicamente “seguro” (porque melhor suportado, quer pelas fontes orais, quer pela documentação escrita). Exploram-se privilegiadamente os caminhos percorridos pelos *tekna* e pelos *oulad bisbah* (e secundariamente pelos *kunta*, *tajakant* e *oulad d'laim*), assinalando-se também a importância de comerciantes judeus ao longo desta rota. Os *tekna*, sediados em Guelmim, dirigiram a maior parte destas operações, controlando habilmente uma autonomia face ao *makhzen* e dispondo de uma vasta rede de “agentes”, de Essauira (no extremo norte desta rota) ao interior sariano (Tombucto, Tishit), e até à foz do rio Senegal. Já os *oulad bisbah*, também eles ligados a Guelmim, para além de uma reconhecida presença nos *ksar-s* de Tishit, Ouadane ou Chinguetti, estender-se-iam ainda por toda a África Ocidental, com “agentes” em Rosso, São Luís do Senegal, Dakar, Louga, Banjul e mesmo Conakry (p. 196). Forma-se assim a “rede de Oued Nun”.
- 6 A autora introduz (longamente) a história da região, acentuando a complexidade dos fluxos sociais e culturais desenvolvidos. Viaja-se através de um milénio de história, posicionando-se as bases da sua tese central: a profundidade das trocas culturais (*cross*

cultural exchange) numa geografia extensa mas sempre interligada (“[Sahara] was never a barrier but always a bridge to intercontinental exchange, albeit one that required faith, resources, dexterity, and patience either to inhabit or to cross” [p. 105]). São então sistematizadas as referências históricas da região: a formação dos exércitos almorávidas e posterior conquista de um território entre o centro do actual Marrocos e a actual Mauritânia; a preponderância wangara na primeira metade do segundo milénio; a constante presença judaica; a conquista de Gao pelo exército marroquino em 1591.

- 7 Ao longo deste enquadramento, sinaliza-se o lento, mas sólido, processo de islamização (pp. 280-286) e o relevo do comércio de papel, responsável por duas profundas alterações: 1) a formação de uma *paper economy* (conceito tomado de Goitein), isto é, o desenvolvimento de um enquadramento documental dos processos comerciais; 2) a formação de uma *paper economy of faith*, isto é, uma ligação inegável entre a circulação de obras escritas e a expansão de um universo cultural islâmico (p. 337). Lydon socorre-se – com mérito – do comércio de papel para defender a ligação entre fluxos mercantis e culturais. Os dados analisados promovem a centralidade de diferentes *qadi*-s e *mufti*-s na operacionalidade transcontinental desta rede comercial, à qual, claramente, não bastaria a ousadia dos seus agentes directos. O envolvimento islâmico das caravanas sarianas, e de todos os seus intérpretes, promove a interconectividade entre geografias aparentemente distintas, que se provam ancestralmente inter-relacionadas, quer em termos comerciais, quer, particularmente, enquanto espaços de partilha cultural.
- 8 Os contactos estabelecidos com comerciantes europeus parecem menosprezados neste trabalho, que, ainda que centrado no século XIX, se ocupa em expor longamente a história comercial da região. Este aspecto parece ser tratado com demasiada brevidade, sem que seja mencionado o alcance dos laços comerciais (e não só) criados ao longo de mais de cinco séculos de contactos permanentes ao longo da faixa atlântica a norte da foz do rio Senegal. Os limites cronológicos impostos pela autora definem um terreno analítico bem consolidado, e este défice de “comércio europeu” deve-se, julgo, à própria abordagem desenvolvida: a exploração privilegiada dos dados relativos à presença da cultura islâmica ao longo desta rota.
- 9 O texto mantém uma narrativa viva por entre temas bastante complexos (bibliograficamente bem ancorados, com recurso a fontes em árabe), apresentando sólidos argumentos quanto à profundidade dos vínculos estabelecidos ao longo do eixo ocidental das rotas caravaneiras trans-sarianas. Sem tratar, obviamente, um tema inovador, a autora supera as dificuldades colocadas a um terreno bem conhecido dos historiadores, ao qual acrescenta dados inovadores. O método seguido permite destacar uma rota comercial menosprezada, que aqui nos surge consolidada no fluxo de bens e saberes entre o Norte e o Ocidente africanos. *On Trans-Saharan Trails* é efectivamente um livro tecido por uma historiadora, mas que merece sem dúvida a atenção de antropólogos interessados nos contextos sarianos e oeste-africanos.

AUTORES

FRANCISCO FREIRE

CRIA/FCSH-UNL